

## ***Vir ao Mundo*, de Emma Giuliani. Lugares poéticos.**

**Rita Basílio**

UNL-FCSH (Instituto de Literatura e Tradição)



*Voir le Jour*, ilustrado e escrito por Emma Giuliani.

*Vir ao Mundo* - Tradução portuguesa de Helena Romão.

Edicare, 2014.

Pede-se a uma criança: Desenha uma flor!  
Almada Negreiros



Falemos de dobras, da criação de lugares-entre: entre as mãos e as folhas de papel, entre “ver” e “vir”, entre a experiência-agora e a memória, entre as línguas, as palavras e o silêncio. Falemos de dobras entre a arte da escrita e a arte da leitura como

*arte cúmplice* que solicita, para que o seu acontecimento se dê, várias linguagens, diferentes experiências e, sobretudo, um instigante desejo de *retribuir a dádiva* – de dar resposta; uma arte da partilha de sentidos, em vários sentidos, com e em todos os sentidos, já se sabe. Chamemos-lhe, por metonímia, *Literatura* porque não sabemos o nome de “isto” (Manuel António Pina).

*Voir le jour* é o título original que Emma Giuliani escolheu para dar nome a uma obra que, num mesmo lugar, se desdobra em várias *dimensões*: a da linguagem verbal e silenciosa (ou sonora quando o poema é lido em voz alta), a da linguagem pictórica das figuras e das formas que se desvendam em volume tridimensional, a da interpretação de que devém a modelação da nossa própria e incerta voz, solicitada pela visualidade verbal e imagética deste livro que nos incita a começar por “ver”. “O essencial” – lembra Caeiro – “é saber ver” (Poema XXIV). *Aprender-desaprender*: redimensionar. Eis o repto.

*Voir le jour* é um livro sobre a “dimensão” – palavra indecível no sentido do seu uso quando falamos de uma obra de arte. Do sentido literal ao figurado, a pequena dimensão física deste livro abre-se à incomensurável multiplicidade de dimensões da imaginação, da experiência emotiva-afectiva e do pensamento humanos. Desconstruindo os limites da dualidade, o livro abre-se, do interior das suas próprias dobras, à vinda de um, sempre imprevisível, *terceiro*: solicitação do *Outro* – *isto que fala* a múltiplas vozes no diferir das línguas, por exemplo. *Voir le Jour* recebe, na tradução portuguesa, o nome *Vir ao Mundo*. A versão é justa: toda a Arte aponta sempre para esse *acontecimento empírico de uma vinda, de uma chegada ao mundo*, trata-se da criação de um *lugar* que não existia antes da sua própria forma: cada obra é o *lugar* que cria e o próprio mundo que *daí* (se) recria.

O livro de Emma Giuliani é uma alegoria legítima (porque insondável) desse *acontecimento* que, por escapar a toda a nomeação, chamamos «Literatura»: o acontecimento que devém da secreta conexão entre a linguagem humana (verbal, imagética, performativa) e isso a que chamamos (sem saber também ao certo de que falamos) «Vida». Alegoria, digo, porque é pela sua própria visualidade/visibilidade que esta obra mostra, narra, evoca e aponta para *aquilo* que infinitamente a ultrapassa porque infinitamente a atravessa. Até a música é silenciosamente convocada pela forma física deste “livro harmónio” (ou “livre-accordéon”, na versão francesa). Como acontece com um acordeão, é preciso tocar – figurada e literalmente – este livro para que se dê (é de uma dádiva que se trata) o acontecimento “literário”. Almada Negreiros chamou-lhe “Poesia”, a esse *acontecer sem aonde*, cujo *lugar* que o acolhe só ele mesmo o inventa; nomeação mais próxima, afinal, do segredo para que aponta a promessa da passagem: “Poesia não é senão *por onde é* para cada um” (Negreiros, 2006: 291. *Itálico meu*).

É de “dimensão”, por conseguinte, que falo neste breve apontamento, dessa palavra que quer também dizer “comensuração” ou “medida”, sem que nenhum dicionário nos impeça de falar com ela do incomensurável, do interminável, do que não se pode prever, calcular ou medir.

Entre a superfície plana do livro fechado (de tamanho medido e extensão delimitada) e o abrir das páginas em que se revela o inesperado volume das formas dobradas, que se desdobram para fora da superfície plana e se desvendam a partir de dentro, as dimensões multiplicam-se. Poderíamos falar da delicada dimensão gráfica e poética de um livro que nos faz reflectir, à “flor da página”, como se diz “flor da pele”, sobre algumas das mais profundas dimensões da alegria e da inquietação humanas: a efemeridade e a beleza de cada existência; a amizade e o amor; a frágil forma da nossa resistência, do nascimento à morte, e antes, e depois também.



Não há princípio e não há fim neste livro. Como um acordeão, abri-lo e fechá-lo, repetindo o gesto, perpetua revolucionariamente o ciclo do que nunca acaba nem começa porque *permanece*, como o ciclo da vida, reinventando-se, a cada vez.

*Vir ao Mundo* (e cito na versão da língua que é a minha) começa por dimensionar a chegada:

### **Vir ao mundo num vasto universo**

É a vastidão de um universo, sugerido em preto e branco, que acolhe esta *vinda*. Uma pétala branca sobre um fundo negro. A poeticidade da imagem faz-nos inverter o sentido da noção do «buraco negro» do cosmos, transportando-nos para a cosmogonia da Arte: um «buraco branco» para lá do qual não desaparecem as noções de espaço e tempo, antes, ou no avesso disso, se abrem, revelando-se, os surpreendentes lugares da eterna criatividade humana: a cor e a forma de uma flor de papel que se abre ao ser tocada pela mão.

É preciso tocar (n)este livro. A solicitação do toque, do tacto, da interacção do gesto, é instintiva. Só com os dedos se descobre o Sol na página branca que decorre da vastidão do escuro que a primeira evoca. Dá-se a ler o segundo verso sem pontuação que o termine:

### **Viver graças ao calor de um outro**

É por este *outro* que, relendo o título na tradução portuguesa, percebemos que “Vir ao Mundo” não depende de nós; cruzam-se as vozes: é “graças ao calor de um outro” que se dá (eis a «graça») a «Ver o Dia» (em tradução literal do título francês, que

contempla o sentido figurado de um nascimento). É o “outro” que traz (a) *vida* às páginas deste livro, se o olharmos sobre o prisma da conexão escritura-leitura, que toda a obra poética solicita. Aquele que *vem* é aquele que *vê*, é aquele que toca e aquele que lê, aquele que sente e pensa e se deixa guiar, com a sua própria *experiência de ser*, aquele que *vive*. Esta *experiência* devém da solicitação (pela palavra, pela imagem) que incita à descoberta, em nós, de uma *forma de vida* – artística, poética ou estética (como se lhe queira chamar), uma *forma de ver ou vir* ao mundo, de chegar e participar nele, experimentando-o, tocando-o, testemunhando-o: *retribuindo* a dádiva.

Retomo o jogo da tradução comparada que enriquece inestimavelmente as dimensões da leitura que o título original põe em diálogo, uma conversa entre línguas que se cruzam na re-interpretação que multiplica as legibilidades – “Ver o dia” (*Voir le Jour*) implica um *lugar*, um *lugar de visão*, uma perspectiva que, só com a sombra, a luz modela; por isso *Ver la Luz*, na tradução espanhola do título de Emma Giuliani, redobra sentidos na leitura dessa *vinda ao visível*, que o título português salienta – “Vir ao Mundo” implica uma chegada, toda a chegada implica um percurso, uma travessia, e toda a travessia cria *um lugar*. Daí o sentido do acolhimento e da saudação, evocado na tradução inglesa “Welcome the Day”, que salienta o gesto de hospitalidade em louvor, de agradecimento ao dia que chega. Gesto que a versão alemã reverbera com o título “Através da Flor” (*Durch die Blume*) – leitura que foca o olhar nos “pop-ups” que, velados pelas suas próprias dobras, são todos, excepto um, flores. A “flor” é um lugar poético que atravessa os tempos, uma travessia pelo intraduzível.

É de “dimensão” que se fala ainda, do que em qualquer obra há de incomportável e intraduzível no que se traduz. *Ver o Dia* é *Vir ao Mundo*, é *Ver a Luz*, *Saudar o Dia*, *Através da Flor*. Esta cumplicidade entre línguas é uma pedagogia da leitura como tradução, no que esta implica de diferimento, disseminação e *difer[en]ça* das legibilidades, irreduzíveis à letra do próprio título no original. Toda a leitura é uma tradução (ou vice-versa), e, enquanto tal, é uma transmutação, que deve fidelidade apenas à “verdade afectiva” do testemunho daquele que lê – questão de responsabilidade, questão de autoria. Toda a leitura é também uma escrita, uma rescrita do já escrito, desvendando percepções ao olhar e ao entendimento. O livro de Emma Giuliani abre-se a essa “multiplicação de legibilidades”, dos olhares através dos quais, lembra Herberto Helder, e cito de cor, *a obra cresce*. Eis um dos trilhos que neste livro se abre, entre leituras, a várias línguas. Na relação entre Literatura e Vida, a legitimação institucional da assinatura do leitor não é contemplada, assim em tudo o que cabe na palavra “legitimação”. O risco é aceite e assumido, importa *ler*. “E leia-se como se quiser, pois ficará sempre errado.” (Herberto Helder, 1995).

Chego à terceira (e terminarei nela) das 13 dobras que entretecem as experiências da leitura de *Vir ao Mundo*. Nesta página, sob uma pétala negra, só duas palavras:

*e retribuir.*

Ao desdobrar as pétalas do papel, entramos na dimensão dos insondáveis devires que provêm da conexão de uma abelha com uma flor... Convite a prosseguir.

Como a abelha e a flor, assim é o leitor e a obra: “Quando se entenderá que se trata de cumplicidade?” – pergunta Herberto Helder (1995: 154). Nessa cumplicidade *dar e receber* indistinguem-se – *retribuição* de uma dádiva mútua.

Três páginas, dois versos breves, duas palavras que os suplementam; o mais cabe à mão, que desdobra pétalas; aos olhos que, cruzando imagens e palavras com o universo singular de cada um, enriquecem o pensamento e a imaginação afectiva e efectiva. Eis a promessa de “Vir ao Mundo”, um livro que se pode transformar numa interminável travessia pelas imprevisíveis dimensões do nosso próprio imaginário vital.

Uma pergunta, para terminar em aberto: **Quem fala neste livro?**

Esta (aparentemente) simples pergunta traz-nos a uma dimensão da leitura que não pode deixar de ser indagada: a que relaciona os textos com os conceitos textuais: quem é o narrador? Quem é o protagonista? Quais são as personagens? Que Tempo? Que Espaço?

Não me cabe pôr em causa qualquer modelo de leitura informado pela necessidade de dar resposta a estas questões, cabe-me apenas não deixar esquecer que há outras *formas de ler*, sobretudo aquelas que se tornem capazes de abrir imprevisíveis relações entre os Textos e a Vida: ao “*não-literário*” (Magalhães, 2006). Às questões que daí poderão devir é preciso inventá-las, responder ao desejo de as descobrir. Mesmo que tal desejo seja sempre, e inevitavelmente, um modo de relacionar os textos com textos, será sempre um modo – eis o prazer da leitura – **irreduzível aos textos**.

*Dar ou ter acesso* a um livro como “Vir ao Mundo” solicita uma *desaprendizagem* dos conceitos gerais (generalizantes) da narratologia, uma suspensão da crença em perguntas e respostas previamente estipuladas e conhecidas. Numa aprendizagem do que devém (em nós) da escrita e da leitura enquanto acontecimento que conecta Literatura e Vida, não há respostas-feitas, apenas solicitações que convocam cada um, a cada vez, a pôr hipóteses, a fazer experiências, e todas as experiências exigem olhares novos, novas perguntas, essas que só cada obra, singular e particularmente, solicita: ler é perguntar! Ao que devém dessas perguntas chamamos também *escrever*, isto é, *dar resposta – retribuir*.

Ainda a pergunta: *quem fala neste livro?* A flor que nasce, na primeira página, entre a vastidão de um mundo que a antecede? Ou a pequena joaninha que sobe a frágil folha sob o calor do sol que a faz viver? Ou a artista (escritora e ilustradora) que dá testemunho, criando-o, do nascimento do mundo que nos mostra, lembrando que é preciso misturar as cores: “para uma ainda maior beleza”? Ou cada um de nós, leitores, que nos reconhecemos entre as experiências que dão verdadeira dimensão humana à existência: a reconciliação, a amizade, o amor? Ou todos nós que nos sentimos (com todos os sentidos) solicitados a participar no mundo, desde a infância à velhice? Ou é um Outro (quem sabe ainda a flor, cuja beleza *permanece*, efémera, ao longo de todo o livro) que nos fala de nós e por nós, convocando-nos – depois de “Dizer um último adeus” – a “resistir”, “apesar da fragilidade”?

Toda a leitura devém da multiplicidade dos caminhos abertos por um inacabável “ou”. Não se trata de encontrar a “resposta certa”, trata-se precisamente de *desaprender*

essa hipótese, libertando a aprendizagem a todas as outras, activando a multiplicação – sem cálculo – de imprevisíveis pontos de vista.

Este livro de Emma Giuliani é para crianças *ou* para adultos? Que perguntas fará a uma criança? Que perguntas lhe fará uma criança? Que respostas saberão dar um ao outro? Como o interroga e se interroga um adulto ao lê-lo? *Quem é a criança ou quem é o adulto?*

O que verdadeiramente importa é ler, ter ou dar acesso à obra, para que cada um, escutando o que o solicita, possa e queira *perguntar e responder por si*.

### Referências Bibliográficas

Caeiro, A. (1925). “O Guardador de Rebanhos”. 1ª publ. in *Athena*, nº 4. Lisboa: Jan. 1925.

Helder, H. (1995). *Photomaton & Vox*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Pina, M. A. (2013) *Todas as Palavras - poesia reunida*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Magalhães, R. (2006). *Infinito Singular. Sobre o não-literário*, Alcochete, Textiverso.

Negreiros, A. (2006). *Obras de José de Almada Negreiros, Manifestos e Conferências*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Links com outras leituras de *Voir le Jour*:

[http://lazer.publico.pt/noticias/341336\\_letras-pequenas-vir-ao-mundo#](http://lazer.publico.pt/noticias/341336_letras-pequenas-vir-ao-mundo#) Por Rita Pimenta

<http://www.ricochet-jeunes.org/livres/livre/52135-voir-le-jour> por Danielle Bertrand

[https://www.academia.edu/9424006/Entrevista\\_2014\\_6](https://www.academia.edu/9424006/Entrevista_2014_6) “Espelho meu” Andreia Brites

<http://hipopomatosnalua.blogspot.pt/2014/12/viva-o-livro.html>